

Entrevista com o ex-tutor do PET/Filosofia César Battisti

Nesse segundo número da *Diaphonía*, a Revista entrevista o terceiro tutor do PET, o professor César Augusto Battisti. É uma gratificação tê-lo nesse espaço, aqui, conosco.

D [*Diaphonía*]

C [César Augusto Battisti]

D₁ – O senhor poderia retratar um pouco acerca de sua biografia, formação, e o que motivou o interesse pela Filosofia?

C₁ – Eu comecei a estudar filosofia em 1984, quando iniciei a graduação, na Faculdade de Filosofia Nossa Senhora da Imaculada Conceição (FAFIMC), em Viamão-RS. Eu residia em Porto Alegre, em uma casa de formação dos estudantes franciscanos que estavam cursando filosofia. Éramos ao redor de doze a quinze colegas que, todos os dias, de Kombi, nos deslocávamos até Viamão. Estudávamos juntamente com seminaristas de diferentes dioceses do Rio Grande do Sul e de outras congregações, além de alguns leigos.

Tão logo iniciei o curso, imediatamente me empolguei pela filosofia. As nossas viagens diárias para a faculdade e as discussões filosóficas na casa de formação em Porto Alegre eram animadas e foram fundamentais. Discutíamos muito sobre temas filosóficos e políticos, muitas vezes relacionados à nossa atuação pastoral e a questões conjunturais daqueles anos. Convivíamos entre estudantes de séries diferentes, e assim, desde o começo do curso, desfrutávamos das discussões dos colegas mais avançados nos estudos. Quanto às aulas, dentre todas as que merecem destaque, lembro bem das do prof. Tadeu Weber, uma das razões pelas quais me embrenhei na filosofia moderna.

Terminei a graduação em dezembro de 1986. Alguns dias depois, ainda em 1986, fui aprovado no Mestrado da UFRGS, algo não muito fácil aos que vinham de Viamão. Na UFRGS, depois de terminadas as disciplinas, apresentei um projeto de dissertação sobre Wittgenstein ao prof. Balthazar Barbosa Filho, que, embora o tenha aceito, me sugeriu, em encontro posterior, que avaliasse a possibilidade de migrar para um tema e autor mais exequíveis. Retornei aos modernos, e fiz minha dissertação em Descartes. Contudo, nesse ínterim, ingressei como docente na Unioeste (teste seletivo em 1990 e concurso em 1991) e acabei trancando o mestrado por um tempo, vindo a defender a dissertação apenas em 1993, sob a orientação do prof. Ernildo Jacob Stein.

Depois disso, fiz meu doutorado de 1995 a 2000, na Universidade de São Paulo (USP), sob a orientação do prof. José Raimundo Novaes Chiappin, com período de doutorado sanduíche na Université Paris Diderot (Orientador: Jean-Jacques Szczeciniarz). A tese foi publicada em forma de livro em 2002 (“O método de análise em Descartes: da resolução de problemas à constituição do sistema do conhecimento”, pela Edunioeste). De lá até os dias atuais, continuei minhas pesquisas, traduções e publicações, sobretudo sobre Descartes. Hoje, depois de mais de vinte e cinco anos na Unioeste, me sinto bastante realizado, principalmente com a abertura do Mestrado (2005) e do Doutorado em Filosofia (2015), dos quais sou atualmente o Coordenador.

D₂ – Agora, mais especificamente, sobre o seu percurso teórico ensejado pela obra de Descartes. O professor realizou uma estada na França, onde desenvolveu parte de sua pesquisa de doutoramento. Até que ponto essa vivência não só intelectual, mas cultural, tem sido significativa?

C₂ – Como normalmente acontece com estudantes de Filosofia, meu primeiro contato com Descartes se deu nas disciplinas de Filosofia Moderna e de Teoria do Conhecimento. Embora eu tenha quase me deslocado para outra área (quando fiz meu projeto de dissertação sobre o *Tractatus*), minha vida acadêmica se centrou nos estudos sobre Descartes até hoje. Algo que tem aspectos positivos, mas também negativos. Positivos, porque você se torna especialista em uma área e consegue investigar certos temas e problemas com profundidade e, acredito eu, com competência. Negativos, visto que a universalidade da filosofia acaba sendo vista predominantemente a partir de certos pontos de vista e de um conjunto delimitado (e limitado!) de intuições. De todo modo, por mais que eu tenha trabalhado autores e temas variados (e ministrado disciplinas filosóficas de todo tipo) e me proposto várias vezes a mudar ou a estender minhas pesquisas para outros autores, sempre me restam questões cartesianas, e lá estou de volta para tentar elucidá-las. Fato é que, no momento, tenho ainda vários projetos inacabados sobre Descartes, os quais levarei adiante nos próximos anos.

O doutorado na USP foi muito importante para a minha trajetória. Meu orientador, prof. José Raimundo Novaes Chiappin, não era propriamente um cartesiano, e isso teve aspectos positivos, visto que minha tese pretendia investigar certas questões pouco exploradas nos estudos cartesianos, pelo menos no Brasil, algo que teria resistências (e teve) por parte dos especialistas e membros de minha banca de defesa. Foram-me extremamente importantes as atividades desenvolvidas pelo grupo de estudos coordenado pelo Prof. Pablo Rubén Mariconda, dentre as quais destaco a leitura dos *Elementos* de Euclides. Como meu tema de tese dizia respeito ao “método de análise cartesiano e sua inspiração na geometria grega”, a leitura dos

Elementos e o contato mais aprofundado com os geômetras gregos foram fundamentais. Esse era, na verdade, o objetivo central de minha pesquisa, que, de algum modo, continua hoje: mostrar que, para compreendermos adequadamente o tema do método cartesiano, não basta fazer referência à matemática ou reconhecer a influência dos geômetras, mas é preciso fazer uma análise minuciosa das obras dos gregos e de sua tradição, até a modernidade; além disso, e principalmente, não é à geometria grega tomada indiscriminadamente que se filia Descartes, mas à tradição da análise geométrica, da qual os *Elementos* não fazem parte e cuja obra de referência, para a álgebra renascentista e para a modernidade, é a *Coleção* de Pappus, traduzida para o latim em 1588. Isso significa também que, para a compreensão do método cartesiano, exige-se conhecimento de história da matemática, algo contraditoriamente ausente nos estudos dos especialistas da filosofia cartesiana: admite-se a influência matemática na filosofia cartesiana, mas pouco efetivamente se estuda sobre essa ciência. Seja como for, há estudos recentes que confirmam a consistência deste ponto de vista de minhas pesquisas, dentre os quais destaco o livro de Olivier Dubouclez, *Descartes et la voie de l'analyse* (2013, Puf), com o qual partilho praticamente a totalidade das teses desenvolvidas.

Fiz meu doutorado sanduíche, por dezoito meses, na antiga equipe *REHSEIS* (hoje *SPHERE*), na Paris VII, voltada fundamentalmente aos estudos filosóficos, epistemológicos e históricos das ciências e das suas instituições, na época coordenada pelo Prof. Michel Paty. O estágio doutoral na França foi importante por diferentes razões. A primeira delas, evidentemente, diz respeito à possibilidade de estudar temas de história e de epistemologia das ciências com grandes especialistas e de ter acesso a bibliografias

indisponíveis no Brasil. Na época, mesmo as melhores bibliotecas das universidades brasileiras não dispunham de obras específicas para a realização de pesquisas do tipo que eu pretendia. Atualmente, o contexto é diferente, algo que poderá diminuir as diferenças entre estudos filosóficos realizados nos grandes centros e na periferia: estando as obras cada vez mais disponíveis a todos *on-line*, se pode fazer filosofia de qualidade em diferentes lugares, uma das razões pelas quais é viável um curso doutorado, no Brasil, em cidades pequenas e fora dos grandes eixos. A segunda diz respeito ao aprendizado da língua francesa, algo que permitiu me dedicar a atividades de tradução. Em termos culturais os ganhos também foram enormes: estudar na França significou ganhar o mundo. Hoje, um dos maiores desafios da filosofia brasileira é a internacionalização e ter estudado fora pode nos auxiliar nisso.

Fiz pós-doutorado apenas no ano passado, em 2014, na UFGRS, sob a supervisão da prof^ª. Lia Levy. Em razão das pesquisas realizadas neste período e em anos anteriores foram produzidos um texto sobre o fundamento metafísico do método de análise cartesiano (em especial a relação entre método e causalidade) e outro sobre uma crítica à concepção de ordem gueroultiana a partir de sua compreensão do Teorema de Pitágoras. O embate crítico com Gueroult é, na verdade, algo que deve render pesquisas futuras, sempre dentro da perspectiva metodológica, em especial no que diz respeito a sua concepção de ordem das razões.

D₃ – Nas últimas décadas o interesse por Descartes tem crescido, consideravelmente, no país. O Senhor, aliás, traduziu uma das obras capitais do pensador francês, O Tratado do Mundo, publicado pela Editora da Unicamp em coparceira com a professora Marisa Donatelli,

que cuidou da tradução de *O Homem*. Quais seus projetos atuais e futuros nessa perspectiva?

C₃ – Descartes é um autor dos mais estudados em Filosofia: não se pode passar sem ele. Por outro lado, ele não se encontra entre os autores que mais atraem novos pesquisadores. Muitos o conhecem “suficientemente”, mas não é tão grande o número de especialistas, pelo menos no Brasil. O GT de Estudos Cartesianos não está entre os maiores GTs da Anpof, embora haja um número razoável de pós-graduandos fazendo suas pesquisas em Descartes. O que tem aumentado consideravelmente, no Brasil e no mundo, são pesquisas sobre temas relacionados às *Paixões da Alma* e a textos paralelos (temas de ética, moral, sobre teoria das paixões...). Talvez seja um dos poucos territórios ainda com bastante espaço de exploração e cujos resultados podem refluir sobre o restante do pensamento cartesiano ou sobre o que se tem por estabelecido.

Quanto à atividade de tradução, eu tenho me dedicado a diferentes projetos nestes últimos anos. Em 2009, foi publicada uma tradução que fiz sobre as *Meditações* (não em sua totalidade) como parte dos textos didáticos da *Antologia de textos filosóficos*, organizada pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná, ano que publicamos também *O mundo ou Tratado da luz* e *O homem*, pela Editora da Unicamp, traduzidos por mim e pela Marisa, estando em processo de finalização a sua segunda edição. Um terceiro projeto, também em fase final, é a tradução do *Discurso do Método* e dos três *Ensaio metodológicos* (*Dióptrica*, *Meteoros* e *Geometria*), publicados em 1637 por Descartes. Essas obras foram traduzidas por um grupo de pesquisadores (coordenados pelo prof. Pablo Rubén Mariconda), estando sob a minha responsabilidade, auxiliado por alguns colegas, a

tradução da *Geometria*. Um quarto projeto, também a ser publicado em breve, é a tradução da obra de M. Gueroult *Descartes segundo a ordem das razões*, da qual cooperei com a tradução de alguns capítulos.

O GT de Estudos Cartesianos, enfim, tem se reunido anualmente, durante os encontros da Anpof e em congressos, e está fomentando novos projetos e traduções. Encontra-se já fundada a Sociedade Descartes e está em processo de criação a Rede Ibero-Americana Descartes. Isso tudo deve propiciar novas pesquisas e uma maior inserção internacional dos pesquisadores brasileiros da área.

D₄ – Conte-nos sobre a sua experiência na UNIOESTE, enquanto instituição.

C₄ – A minha atividade docente começou em 1990, na Unioeste. Naquela época, a universidade estava se constituindo, e eu me fiz professor concomitantemente. Eu lecionei disciplinas distintas, principalmente nos primeiros anos, e exerci funções administrativas, representativas e sindicais. Havia muitas coisas a fazer, e tínhamos espaço e incentivo para ousar, apesar das dificuldades e dos governos. Muita gente passou por aqui e foi embora; eu mesmo só não fui trabalhar em outro lugar, porque escolhi fazer o doutorado, e depois começamos a pensar na abertura do nosso mestrado.

Atualmente temos um quadro de professores bastante estável, e a pós-graduação está com sua estrutura completa implantada, algo jamais sonhado na década de 1990. Uma cidade pequena como Toledo e uma universidade nova também têm suas vantagens: suas potencialidades, menos vícios e menos estruturas petrificadas.

As coisas que conquistamos e construímos foram pensadas a

longo prazo; nasceram de um planejamento. No início, depois da implantação do PET, nosso objetivo era a oferta de cursos de especialização e, com os recursos daí provenientes, a aquisição de bibliografia. A partir daí nasceu a biblioteca setorial de filosofia. Em 1996, período em que eu estava afastado para o doutorado, foi organizada a primeira edição (neste ano de 2015 ocorreu a 20ª) do Simpósio de Filosofia Moderna e Contemporânea. Ao mesmo tempo, aos poucos, ampliamos o número de alunos de iniciação científica e de programas de apoio às atividades acadêmicas.

Com a abertura do doutorado em 2015, o desafio é a consolidação do que temos, nossa internacionalização, inserção regional e latino-americana. Toledo é a menor cidade do país (quem sabe do mundo) em que se tem filosofia da graduação ao pós-doutorado.

Posso dizer que há uma identidade muito grande entre mim, do ponto de vista intelectual e profissional, e a Unioeste, dado que fiz nela e a partir dela toda minha carreira (ao mesmo tempo em que ela se fez universidade) e devo permanecer por aqui até minha aposentadoria.

D₅ – A sua presença no PET, desde a implantação do Programa, em 1992, tem sido vital. Que balanço, o professor faz hoje, de mais essa experiência?

C₅ – Em 1992, houve a implantação do PET-Filosofia, Programa Especial de Treinamento, na Unioeste, o único da instituição por muitos anos. Na época quem fez e encaminhou a proposta foi nosso colega Marcos José Müller, hoje docente da UFSC. Eu o acompanhei desde a elaboração e aprovação da proposta, seleção dos petianos e abertura do grupo, e trabalhei com ele como colaborador durante o período em que estive à frente do Programa, auxiliando-o nas tarefas e

decisões, não o tendo substituído como tutor, quando se mudou para a UFSM, por eu não ter ainda terminado o mestrado. O prof. Pedro Gambim se tornou o novo tutor, tendo permanecido até fevereiro de 2006.

O PET-Programa Especial de Treinamento, originalmente, tinha uma proposta diferente da atual, mas também diferente das outras formas de iniciação científica existentes, muito embora também se voltasse à tarefa de iniciação à pesquisa e de preparação dos estudantes para a pós-graduação. Dentre suas características mais marcantes eram-lhe fundamentais o estudo e a pesquisa coletivos de textos sobre uma temática única e, portanto, a atividade formativa dos estudantes como grupo, por meio dos encontros semanais, bem como sua função irradiadora de fomento e de incentivo aos demais estudantes do Curso. O que diferenciava o PET, já em sua concepção original, era a atividade formativa coletiva, a descoberta ou construção de técnicas e recursos coletivos de aprendizagem, de produção de conhecimentos, de formação e de pesquisa na área, algo muito caro em especial à filosofia, sempre muito marcada pela pesquisa individual. Nesse sentido, as mudanças do perfil do PET que vieram a acontecer posteriormente foram, em boa medida, oriundas da própria dinâmica do Programa, e não apenas da percepção de sobreposição de funções entre ele e o PIBIC ou da percepção de que ele deveria cumprir uma função distinta da que vinha cumprindo.

Em razão disso – pois se buscava algo ainda não só não existente, mas ainda não concebido claramente e estando em gestação dentro do próprio Programa –, as mudanças do perfil do programa demoraram muito para se firmar: ao redor de uma década, a partir de 1994, como nos contou o Prof. Pedro Gambim em sua entrevista no número

anterior da revista. Assim, quando eu assumi a tutoria, as coisas estavam relativamente claras quanto ao que se almejava com o Programa, embora houvesse ambiguidades quanto à forma de corporificá-las e torná-las reais. E, portanto, o período em que permaneci como tutor (março de 2006 a março de 2010) foi caracterizado, não tanto pela discussão sobre o perfil e objetivos do PET, mas mais pela dificuldade de torná-lo efetivo e concretizá-lo dentro do quadro estabelecido. Sob este aspecto, havia resistência de todo lado: em nível nacional, havia resistência de alunos, tutores, universidades e até dos órgãos oficiais mantenedores do Programa. Havia perspectivas distintas e conflitantes: Como fazer do PET o que esperávamos dele? Que tipos de atividades deveriam colocar nos planejamentos anuais de cada grupo? O que deveria ser permitido ou não ao PET fazer? Quais atividades poderiam ser classificadas como de extensão e de ensino, além das de pesquisa já conhecidas?

A orientação oficial, segundo a legislação da época, em especial do *Manual de Orientações Básicas*, era a de que o Programa de Educação Tutorial tinha como missão a de propor atividades orientadas pelos princípios da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão e da educação tutorial. Todo programa, constituído como grupo tutorial de aprendizagem, deveria, a partir desses princípios, propiciar aos graduandos, membro do grupo e, por extensão, aos demais estudantes do curso – o PET sempre teve como missão irradiar sua formação coletiva aos colegas não petianos –, uma melhor formação complementar, acadêmica e cidadã, por meio de atividades extracurriculares que pudessem complementar as atividades de natureza convencional e que tivessem condições de propor novos modelos pedagógicos para a universidade.

Talvez a característica mais marcante de minha época como tutor foi nosso esforço para pensar atividades e construir efetivamente o perfil de um grupo dentro dessa nova direção do Programa. Em razão dos princípios supramencionados, exigiam-se pelo menos cinco atividades de pesquisa, cinco de ensino e cinco de extensão. No início não foi tarefa fácil planejarmos ou concebermos quinze atividades, também pela resistência dos petianos acostumados à antiga dinâmica. Depois de algum tempo, tínhamos até mais, várias delas evidentemente bem pontuais e a cargo de alguns membros do grupo apenas. Nesse sentido, eu avalio como bem-sucedida nossa tarefa de dar corpo e tornar real a nova “filosofia” do Programa de Educação Tutorial, implementada pelo MEC.

Com esse objetivo, nós propúnhamos atividades de ordens distintas. O tema geral de estudos, durante os quatro anos, foi a “questão da subjetividade/*subjectum* na Filosofia”. Estudamos coletivamente as *Meditações* de Descartes, a *Crítica da Razão Pura* de Kant, a *Hermenêutica do Sujeito* de Foucault e a *Metafísica* de Aristóteles (por vezes apenas partes das obras). Além dessa atividade e de outras relacionadas (leituras individuais, pesquisas individuais orientadas em temas relacionados ao geral, minicursos, palestras), bem como da participação dos petianos na organização de atividades propostos pelo Curso de Filosofia (semana acadêmica, simpósio de filosofia, recepção aos calouros, monitoria), tínhamos outras atividades, tais como: resolução da prova do Enade – Filosofia (no grupo e com os estudantes do Curso); exercícios de consulta ao Portal de Periódicos da Capes; pesquisa sobre Orientações Curriculares para o Ensino Médio, área de Filosofia; pesquisa sobre normas da ABNT; pesquisa histórica sobre o PET-Filosofia da Unioeste; estudo do Projeto Pedagógico do Curso e do *Manual de Normas Acadêmicas da*

Universidade e sua divulgação aos calouros.

De um modo geral, a experiência foi muito positiva e bastante formativa também para o tutor. Acostumados com a sala de aula e com pesquisas, o perfil do PET nos propôs novos desafios e nos impôs mudanças, hoje bem disseminadas entre nós e comuns a vários programas, dentre os quais o PIBID. Os alunos mostravam muita resistência a tudo isso, evidenciando que nossa prática docente convencional estava neles arraigada talvez mais do que em nós mesmos.

O PET-Filosofia ajudou a formar muita gente. Depois de quase vinte e cinco anos de existência, há petianos para todo lado: professores universitários, pesquisadores, professores no ensino médio, pós-graduandos, e assim por diante. O PET foi nossa primeira grande ação efetiva e bem sucedida, a partir das quais temos o que temos e somos o que somos.

D₆ – Atualmente, o professor coordena o Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* (Nível Mestrado/Doutorado). O que representa, aos seus olhos, esse projeto para a UNIOESTE e, em especial, para o Curso de Filosofia?

C₆ – A Unioeste conta, hoje, com uma estrutura curricular completa na área de filosofia, algo tempos atrás jamais sonhado para ela e para uma cidade do tamanho de Toledo. Sob este aspecto, nos igualamos a qualquer universidade do mundo. Sob outro aspecto também (em razão da disponibilidade *on-line* cada vez maior de textos primários e fundamentais à pesquisa em filosofia), estamos em processo de diminuição da distância entre nós e centros tradicionais de pesquisa. Assim, particularmente para a área de filosofia, as perspectivas são muito boas. A possibilidade de convênios, de convites

a professores do país e estrangeiros, viagens para o exterior para pesquisa e pós-doutorado, tudo isso nos faz ver um futuro promissor pela frente. De resto, é só trabalharmos, e o governo nos dar condições mínimas para tal. Nosso grupo é bom, e trabalha em equipe. Assim, creio que teremos anos de crescimento pela frente.

Claro que temos, por outro lado, sérias dificuldades: alta evasão escolar; deficiência de formação dos estudantes; pouca importância por parte de professores para com questões que vão além do conteúdo, com as novas tecnologias e elementos de “ordem prática” e formativa. A “humildade filosófica”, muito comum entre nós, pode ser uma das formas mais perversas de arrogância, personalismo e superioridade; a desvalorização de atividades prático-pedagógicas é muitas vezes atestado de desleixo para a (e de compreensão da) formação humana e de um formalismo ou conceitualismo filosóficos desenraizados e vazios.

A filosofia, no Brasil, estará bem estabelecida quando fluir de forma adequada, progressiva e produtiva do ensino médio à pós-graduação. A pós-graduação brasileira está mais bem consolidada do que a graduação, e esta melhor do que o ensino médio.

D₇ – Qual sua opinião sobre a disciplina Filosofia no ensino médio e sobre a formação filosófica na universidade? Qual a relação com políticas públicas?

C₇ – A filosofia é uma disciplina importante em todos os níveis de ensino. Há mesmo uma relação entre sua emergência histórica – presença histórica da filosofia e sua necessidade – e sua presença e função em cada ser humano; há uma forte relação entre “filogenia” e “ontogenia” filosóficas. As pessoas que consideram a filosofia desnecessária confundem utilidade e sentido de uma coisa: reduzir o

sentido à utilidade é operar um empobrecimento ontológico inadmissível, é instrumentalizar tudo. Nem a filosofia nem a ciência podem ser medidas pela utilidade (mas apenas a tecnologia), da mesma forma como a saúde e a felicidade são bens em si mesmos e não estão a serviço de algo alheio. Além disso, a utilidade é ou pode ser apenas decorrência do saber e não sua condição de possibilidade.

A filosofia é – embora não só ela – marca da adolescência e da juventude; elas, também a filosofia, são a permissão da certa desmedida como condição do estabelecimento da boa medida. Isso não significa que quem faz filosofia permanece imaturo, mas significa que permanece espiritualmente jovem. A filosofia é, por excelência, o âmbito da descoberta e do ensaio. Nesse sentido, há plena compatibilidade entre ela e a formação no ensino médio e na universidade.

Paradoxalmente é aí que se encontram as maiores dificuldades de implantação e consolidação da filosofia: no ensino médio e também na graduação, lá onde a filosofia é mais formativa, no sentido mais geral e fundamental do termo.

D₈ – Qual a sua perspectiva para a filosofia no país? Que desafios, a área tem, pela frente?

C₈ – Eu sou otimista em relação à filosofia no Brasil e à filosofia no interior do país. Evidentemente, isso passa por uma melhoria no ensino médio, na estrutura das universidades e nas condições culturais e econômicas da população em geral, a fim de que tenhamos mais estudantes na graduação e com condições para se dedicarem aos estudos. A pós-graduação, por outro lado, tem sido impulsionada por uma política nacional de ampliação e de consolidação, e isso vale para todas as áreas. A filosofia, por sua vez, em razão de certas

características favoráveis, tem sido duplamente beneficiada: no âmbito nacional, ela tem sido ampliada nos dois extremos da estrutura educacional, com a introdução da disciplina no ensino médio (e até no ensino fundamental) e com a ampliação dos programas de pós-graduação pelo Brasil afora e consequente interiorização; de forma mais geral e mais fundamental, a filosofia, comparativamente às ciências e às pesquisas tecnológicas de ponta, tem tido outra vantagem que deverá ser potencializada nas próximas décadas: a disponibilidade *on-line* cada vez maior, de forma gratuita e universal, de seu material de trabalho e de pesquisa (além de – algo também fundamental – termos no Brasil disponível gratuitamente, nas diferentes áreas, os artigos das revistas aqui publicadas). Nesse sentido, no século passado, a dificuldade de acesso aos textos clássicos era diretamente proporcional à sua antiguidade e raridade, ao passo que hoje essa relação tende a se inverter: mais raro e antigo um texto, menos dificuldades teremos para acessá-lo. Por sua vez, os textos recentes podem ser adquiridos, de modo que a tendência é de termos “tudo” à mão. Assim, a filosofia e sua ferramenta, o livro, entram na era da globalização, mas, paradoxalmente e na contramão do restante, sendo cada vez menos uma mercadoria.

Sob este aspecto, é possível que as pesquisas em filosofia no Brasil e mesmo mundiais se alterem substancialmente, em razão da crescente disponibilidade e da gratuidade do seu material de trabalho. Evidentemente, isso vai potencializar outra carência nossa, que é o conhecimento de línguas estrangeiras, a começar pelas clássicas, o grego e pelo latim. O que é certo é que a perspectiva para a filosofia é muito boa: por não necessitar no futuro de grandes investimentos, ela está se tornando cada vez mais barata, mais universal e mais inclusiva, comparativamente às pesquisas científicas e tecnológicas, cada vez

mais caras, seletivas e, por isso, elitistas. Imagino que isso trará grandes mudanças culturais, ainda imprevisíveis, a longo prazo, em âmbito mundial e nacional. Isso tudo está aberto ao futuro da filosofia, e os maiores beneficiados devem ser aqueles que se encontram fora e longe dos grandes centros, como é o nosso caso.